

Crítica Música

John Zorn, o maestro do caos

John Zorn
PORTO Casa da Música (Sala 1)
30 de Outubro
Sala cheia

PEDRO RIOS

De John Zorn não seria de esperar um concerto normal. O nova-iorquino, actualmente com 52 anos, é célebre por trazer para o jazz a bizzarria, o humor e a obsessão pós-moderna de juntar géneros aparentemente antagónicos. Nos seus múltiplos projectos de uma carreira com mais de 400 álbuns, Zorn passou por quase todos os géneros musicais, do jazz ao grindcore, passando pela música para desenhos animados e o klezmer. Para a versão nacional do projecto *Cobra* - a *game piece* mais conhecida de Zorn -, o veterano seleccionou 13 músicos portugueses, dos mais diversos estilos (do jazz à pop). Entre eles, estavam o violinista Carlos Zíngaro e o contrabaixista Carlos Bica, mas também músicos da nova geração de improvisadores nacionais, como Gustavo Costa (bateria) e

Henrique Fernandes (contrabaixo). Todos eles passaram o domingo a aprender as regras intrincadas e desconhecidas para o público que subjazem a cada incarnation do projecto num *workshop* dirigido por John Zorn. Quem esperava ouvir o saxofone do norte-americano pode ter ficado desiludido porque, no *Cobra*, Zorn assume o papel de baterias, dois conjuntos de percussão, um violino, três guitarras (uma delas do histórico Nuno Rebelo), dois contrabaixos, um piano eléctrico e um contratear, num total de 13 músicos, formavam um semicírculo voltado para Zorn, que lhes dava ordens através de gestos e cartões coloridos. Por vezes, ordenava a um músico que colocasse um fita branca na cabeça, tornando-o segundo líder do *ensemble* durante algum tempo. Noutros momentos, punha apenas uma parte do conjunto a improvisar para fazer entrar outro grupo de músicos, gerando curiosos diálogos: noutros ainda, isolava um membro para fazer cair mais tarde a dissonância colectiva ou apontava para os músicos, um a

um, para que fizessem soltar um qualquer som do seu instrumento. Em suma, assistiu-se a uma sessão de improviso coordenado, um curioso exercício entre a democracia e o totalitarismo. Carlos Zíngaro assumiu algum destaque no conjunto. A segunda peça, por exemplo, teve o seu violino como eixo, seja sozinho ou como fio condutor, a que se juntaram os outros instrumentistas. Noutra peça, Jorge Queijo tocou bateria com martelos de S. João, num dos momentos mais bem-humorados da noite. Noutra, Albrecht Loops explorou o ruído, aplicando um ferro às cordas da guitarra, num silvo eléctrico que deliciou Zorn, que estimulava constantemente os músicos, como um maestro pouco ortodoxo. Sem ser demolidor, como muitos esperavam, a versão nacional do projecto *Cobra* esteve à altura das responsabilidades, alcançando uma feliz convivência entre os discursos musicais de cada participante e a marca comum impressa por Zorn. A satisfação com que o nova-iorquino e os 13 músicos portugueses saíram do palco atesta o sucesso de cerca de uma hora de improvisação dirigida. ■

LUIS ERIGÉNO



Novas Músicas em Novembro

O concerto de John Zorn inaugurou o ciclo *Novas Músicas*, organizado pela Casa da Música, e que aí vai decorrer até 23 de Novembro. Da agenda de espectáculos anunciados, alguns merecem especial destaque. O violoncelista Erik Friedlander, que, tal como Zorn, é um dos músicos mais activos na improvisação e no jazz oriundo de Nova Iorque, actua no dia 4 de Novembro, a solo, e no dia seguinte, em formato trio. No dia 14, há mais jazz com outro colaborador de Zorn: Bill Frisell apresenta *Unspeakable*, vencedor do Grammy para Melhor Álbum de

Jazz Contemporâneo de 2005.

A 11 de Novembro, os históricos da música exploratória portuguesa Telectu actua com os gigantes Conrad Bauer e Sunny Murray. No mesmo dia, Irmin Schmidt (ex-Can) colabora com Kumo, fundindo rock, composição contemporânea e electrónica dançável. No dia seguinte, Pluramon e Julee Cruise (actriz de *Twin Peaks* e musa de David Lynch) revêem o *shoegazing* pela electrónica mais doce.

O compositor e pianista britânico Michael Nyman regressa a Portugal com vários músicos para interpre-

tar, no dia 18, a banda sonora do clássico do cinema mudo *O Homem da Câmara de Filmar* (1929), do russo Dziga Vertov. No mesmo dia, mas umas horas antes, a Orquestra Utopica interpreta compositores radicais, da música contemporânea, como Wolfgang Rihm. Neste programa *Novas Músicas*, merece ainda menção a actuação de Paul Crossley (dia 20) e o concerto de encerramento do ciclo: Pedro Luís e a Parede (um dos principais renovadores da música brasileira dos anos 90), com Fernanda Abreu (pioneira da dance music e do rap carioca). ■ P.R.